

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista, 854-Porto
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

A VIDA DRAMÁTICA

do Marano Isaac Ben-Judah Abarbanel

Isaac era filho de Judah Abarbanel, o célebre Leon hebreu, autor dos *Diálogos de Amor* e neto de Isaac Abarbanel.

Acerca de seu avô o Sr. Prof. Joaquim de Carvalho, no seu opúsculo «Uma epístola de Isaac Abarbanel, diz:—«Isaac Abarbanel, o mais notável dos judeus nados e criados em Portugal no século XV não encontrou ainda um biógrafo lusitano; e no entanto esta biografia, para além da visão da personalidade e do exame da sua influência, exprimiria como nenhuma outra a interferência dos judeus na vida pública portuguesa quatrocentista e a repercussão da cultura ocidental na mentalidade tradicionalista do Talmud Torah, senão verdadeira *Yeshibah* lisboense.

É que Isaac Abarbanel, ao contrário da generalidade dos seus correligionários, não viveu apenas no âmbito das relações obscuras e dos pequenos interesses dos mestres e tendeiros da *judiaria* de Lisboa. Exercendo o alto comércio, opulento prestamista do Estado, Coonselheiro de D. Afonso V, amigo e privado da mais alta nobreza de Portugal, gosando de privilégios, que eram excepções às leis restrictivas dos judeus, como o viver na cidade fóra do *ghetto* (bairro judaico), e não trazer no vestuário a degradante *estréla*, doutrinando na Sinagoga, compreende-se que fôsse o patrono e o traço

de união de Israel com o Estado e Oliveira Martins visse nele «a exemplificação suprema» da «situação eminente que o povo, a literatura e a civilização judaicas atingiram em Portugal, particularmente sob o reinado de D Afonso V». Vários documentos coevos testemunham insofismavelmente as excelentes relações de Isaac Abarbanel com o poderoso Duque de Bragança, D Fernando, e sua família. Por elas, sem dúvida, se achou envolvido nas conspirações contra D João II — causa directa da fuga para castela, em Junho de 1483, e da sua condenação, à revelia, em 30 de Maio de 1485.

Não é meu propósito examinar neste prólogo a sua cumplicidade, nem tampouco a sentença em que o Rei implacavelmente o condena a «cruel morte natural, e tanto que fôr achado e havido nestes reinos, logo seja enforcado e morra na fôrca, e esteja nela para sempre».

... ..
Educado (Isaac Abarbanel) na lição tradicional do Talmud, nem por isso o seu espírito viveu à margem do que constituía a formação culta dum português quatrocentista, comprazendo-se, como Azurara, no estadear de autoridades, como Sócrates (através Platão), Aristoteles, Cicero e Séneca. Possuiu, sem dúvida, na mais pura atitude israelita, o sentimento do eterno e a resignação à vontade

omnipotente; mas assimilou o fundo ideológico contemporâneo, em tal grau que um cristão subscreveria esta carta, tanto mais que ela se não furtava ao gôsto retórico e erudito dos prosadores do tempo.»

Pelo que deixamos transcrito Isaac Abarbanel refugiou-se em Espanha após o assassinato do Duque de Vizeu em 1483, e seu filho Judah Abarbanel, médico também emigrou, tendo-lhe sido confiscados os bens em Portugal.

Em 1492 os reis católicos de Espanha expulsam dos seus estados os judeus que não queiram aceitar o batismo. Nesse ano, numa noite Judah manda ocultamente, para Portugal seu filho Isaac de um ano de idade acompanhado por uma ama. Pouco depois Isaac Abarbanel e seu filho Judah deixam Espanha e dirigem-se para Napoles.

D. João II toma conhecimento da chegada do pequeno Isaac Ben Judah Abarbanel e fa-lo deter.

D. Manuel I em 1497 manda batisar essa criança de 6 anos, sendo no batismo dado um nome diferente do de Isaac e substituído também o apelido Abarbanel por outro nome. Qual foi esse nome de marano os testemunhos judaicos, que consultei nada dizem.

Em 1503 Judah manda a seu filho Isaac, então com 12 anos uma carta em verso hebraico intitulada «Lamentação sobre o Tempo» onde em frases repassadas de saudades, aconselha seu filho a fugir de Portugal e a ir ter com êle à Italia.

Nesta altura Judah era médico da côrte do Vice-Rei de Napoles, o gran-capitão Gonçalo de Cordova.

Pela carta-lamentação, de que damos a tradução em língua portuguesa, vê-se que Isaac Ben-Judah Abarbanel sabia a sua origem, o seu nome de família e estava em ligação em Portugal com pessoas que lhe podiam ensinar a língua hebraica, as Escrituras Sagradas e Talmud, pessoas estas que não podiam deixar de ser cripto-judeus ou maranos, pois judeus professos não podiam existir abertamente em Portugal desde 1497, data da grande conversão forçada dos judeus portugueses.

Isaac Ben Judah Abarbanel devia ser morêno como os demais Abarbaneis, como

demonstram os seguintes versos de Brito Pestana a Luiz Fogaça (Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende—apud Joaquim de Carvalho).

Por marran' não defamo
os que foram judeus sendo
cristãos lyndos,
mas apostolos lhe chamo
muy grandes louvores tendo,
muy infyndos
São marranos que marrã
nossa fae muy ynfices,
bautyzados
que na ley velha samarram
dos *negros abrauanes*
dotrynados

Refere-se o autor ao trabalho occulto dos cristãos-novos (cripto judeus ou maranos) em conservar a fé israelita entre os seus.

Em 19 de Abril de 1506 e dias seguintes há em Lisboa uma matança de cristãos-novos, que findou pela enérgica intervenção das forças reais

Após estes acontecimentos D. Manuel autorisou que muitos cristãos-novos se ausentassem do país.

Isaac Ben-Judah Abarbanel sairia então de Portugal?

Não creio. Seu avô em 1509 morre em Veneza, tendo a seu lado os filhos, e nenhum cronista judeu menciona êste neto a assistir aos últimos momentos de seu avô, e seria natural a referência dadas as circunstâncias dramáticas do afastamento dêste rebento dos Abarbaneis. Julgo pois que Isaac Ben-Judah Abarbanel em 1509 estava ainda em Portugal usando um nome diferente. Porque motivo não saiu com outros? Por ser vigiado? Ignoro. Por falta de recursos não foi, pois se seu pai o chamava devia fornecer-lhe meios para êsse fim.

Nesse mesmo ano de 1509 seu pai Judah, o Leão hebreu, escreve em Napoles uma elegia sobre a morte de D. Isaac Abarbanel.

Em 1520 o imperador Carlos V concedeu, por decreto especial, a Judah Abarbanel e à sua família, várias mercês e uma isenção de impostos.

Mariano Lenzi, o primeiro editor italiano dos Dialogos de Amor de Leon

hebreu (Judah Abarbanel) publicados em Pesaro em 1535 fala já do autor como se elle fôsse já falecido. Alguns anos mais tarde foram expulsos os judeus do Reino de Napoles (1540-1541). Uma grande parte dos exilados dirigiram-se para Salonica (onde ainda existem descendentes de Judah Abarbanel.

Numa edição dos Dialogos de Amor de 1541 de Veneza, impressa, in casa de figliuoli di Aldo, lê-se do fronstepicio

Dialogi di amore com-
posti per leone medico,
di natione hebreo, e
aipoi christiano.

Ora como Leon hebreu (Judah Abarbanel) nunca foi convertido ao cristianismo, julgo haver qualquer confusão com seu filho Isaac Ben-Judah Abarbanel, que naturalmente já se encontrava na Italia nessa data.

As obras inéditas de Leão Hebreu são levadas pela familia para Salonica, onde se perderam num incêndio.

Em 1559 o Doutor Amatus Lusitano viu em Salonica, em casa de Judah Abarbanel, neto de Leão Hebreu (Judah Abarbanel) um manuscrito intitulado «Coeli Harmonia, escrito por Leão Hebreu e perdido de Pic de Mirandola. Como Judah Ben Isaac Abarbanel, Leão hebreu ou Leão médico, não tinha mais filhos além do que estava em Portugal, conclue-se que o nosso Isaac Ben Judah Abarbanel saíra de Portugal, casara, tivera filhos e já não era vivo em 1559.

Quando saíra elle de Portugal? Vamos ver se podemos indicar uma data.

El-Rei D. Manuel I de Portugal era irmão do Duque de Vizeu, chefe da conspiração em que se acharam envolvidos os Abarbaneis e por isso forçados a emigrar. D. Manuel ao subir ao trôno recebeu bem os emigrados políticos no seu regresso a Portugal. Natural era que se interessasse pelo pequeno Isaac Ben-Judah Abarbanel, a quem fez batizar e sob o nome de cristão-novo o amparasse e vigiasse, trazendo-o talvez na côrte.

D. Manuel morreu em Dezembro de 1521 e antes desta nada nos faz supôr que Isaac Ben-Judah Abarbanel estivesse na Italia.

—Morto D. Manuel succedeu-lhe no trôno D. João III, que logo no inicio do seu reinado fazia prever uma má situação para os cristãos-novos como nos informa Alexandre Herculano—Na História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal, Vol. I Livro III.

«Fôsse resultado do curto engenho e da ignorância, fôsse vicio da educação, D. João III era um fanático.

... ..

O ódio de D. João III contra a raça hebrêa era profundo. Sabia-se e dizia-se geralmente. (1)

.. ..

Fazia-se conciliabulos contra os conversos e excogitavam-se os meios de os exterminar. (2)

(1) —«Serenissimo Joanne, ...nunc rege, regnum intrante... publicus rumor esset... Joannem juvenem istos novos christianos odio habere» Symicta Lusit. Vol. 31 fol. 70—quan odiosos le fueron siempre desde su niñez los que tienen errores contra nuestra sancta fé». Informe da Inquisição de Sevilha em 1531: C. 2, M. 1 n.º 17, no Arquivo Nacional.

(2) —«post mortem regis Emmarmelis... pluries de illis omnibus occidendis, per totum regnum detestandas fecerunt conjurationes»: Symicta Lusit. Vol. 31 f. 8 v.

Julgo pois que Isaac Ben-Judah Abarbanel, *di natione hebreo e dipol christiano* e depois ainda judeu, saiu de Portugal para a Itália eoz o falecimento de D. Manuel e se reuniu ao tronco da vélha e nobre árvore judica dos Abarbaneis e deu origem a novos rebentos.

O seu último descendente em linha recta, pelo lado varonil é o actual Consul Geral de Portugal em Istambul (Constantinopla) o Sr. Jaques Abravanel, a quem tive o prazer e honra de abraçar, na Sinagoga do Pôrto, pelo duplo motivo de ser o portador dum grande nome de judeu português e de elle ter vindo expressamente a Portugal apresentar-se ao serviço militar pelo que não queria deixar de ser português. Mães depois do seu regresso a Istambul o Governo da República Portuguesa nomeava-o Consul Geral Honorário.

A boa raça não desmente.

Lamentações sôbre o Tempo

por *Judah Ben-Isaac Abravanel*
(o Leão Hebreu)

1—O tempo feriu o meu coração com uma flecha aguda: tendo-o trespassado até ao fundo dos meus rins;

2—Feriu-me com uma chaga incurável; afligiu-me com uma dôr persistente.

3—Atingiu-me fazendo-me uma ferida que devora a minha carne; a minha dôr consumiu o meu sangue e a minha gordura.

4—Tendo quebrado os meus ossos na sua cólera, levantou-se contra mim como um lião.

5—Não achando bastante o ter-me torturado, fez ainda de mim, na flor da juventude um proscrito, um vagamundo;

6—Fez-me sacudir através o mundo como um mercenário, empurrando-me para os confins da terra.

7—Há já cerca de vinte anos que os meus cavalos e o meu carro ignoram o que é repouso;

8—Medindo com os meus passos as águas e as terras; assim se consumiu a minha Primavera.

9—Ele afugentou para longe de mim os meus amigos; aos da minha geração, fê-los exilar; aos meus próximos, os afastou todos;

10—De modo que já não posso vêr, nem aproximar-me dos mais íntimos, nem de minha mãe e de meus irmãos, nem mesmo de meu pai.

11—Dispersou os que eu amava: um para o Norte, outro para Leste e outros ainda para o Ocidente;

12—Para que os meus pensamentos não conheçam a tranquilidade, para que eu não tenha mais paz, nem sequer nas minhas meditações;

13—E quando a minha face se volta para o Oriente, a separação dos meus me morde no calcanhar;

14—O meu pé escorrega, perturba-se e agita-se o meu coração e já não sei se caminho para a frente ou para traz.

15—O Tempo dilacerou e rasgou o meu coração, como um urso, como um lobo, o despedaça.

16—Suspiros e angustias se apoderaram dêle, à fôrça de raptos, de pilhagens e de exílios.

17—Com tôdas estas minhas penas ainda não se contentou, procurou ainda acabar comigo, extinguindo-me a minha centelha.

18—Dois filhos me tinham nascido, filhos deliciosos, de rara beleza, como a da gazela:

19—O mais novo, a quem dei o nome de Samuel, cêdo me foi roubado pelo Tirano que me espreitava;

20—Abateu-o no quinto ano da vida, acabrunhando-me assim com um aumento de pênas e tormentos;

21—Quanto ao mais vêlho — a quem dei o nome de Isaac—Abravanel, como a rocha da qual fui talhado;

22—Com o mesmo nome de seu avô, êste grande em Israel, êste filho de Jessé, que é a Luz do Ocidente;

23—Quando êle nasceu, eu previ que no seu coração a Sabedoria, com que os seus antepassados e eu próprio fomos agraciados.

24—Ai de mim, tinha êle um ano de idade quando o meu pérfido Inimigo o arrebatou para longe de mim.

25—No tempo em que os filhos do Exílio de Sapharad foram expulsos, o rei deu ordem para me prepararem uma cilada:

26—Para me impedirem de deixar o paiz e de passar para além das suas fronteiras, pensou em mandar raptar o meu filho, a medula dos meus ossos;

27—Para o converter à sua própria fé, mas um homem de coração, meu amigo, avisou disso os meus ouvidos.

28—Eu o enviei durante as trevas, no coração da noite, com a sua ama—como se se tratasse duma creança roubada—.

29—Para Portugal; lá onde reina Manuel, tornado depois meu destruidor.

30—Neste paiz foram grandes a fama e as riquezas de meu pai, enquanto vivia o pai dêste rei, o rei que eu respeitava.

31—E depois subiu ao trôno um celerado, inique, cûpido, cruel, homem voluptuoso e cínico.

32—Tendo conspirado contra êles os seus ministros e os seus próprios irmãos, (meu pai) se achou falsamente implicado na conjura.

33—Êle (D. João II) matou seu irmão, depois pretendeu matar meu pai, mas Aquêle que domina os Querubins salvou-o da morte.

34—Meu pai conseguiu fugir para Castela, o paiz de origem dos meus avós, o berço da minha família.

35—Mas o rei saqueou o meu património até à última pedra, apoderou-se dos meus bens, a minha prata e o meu ouro.

36—Como êle soubesse que eu me tinha refugiado em casa de meu pai na Itália e que meu filho tinha chegado à sua terra.

37—Deu ordem para se apoderarem da creança para que se não escapasse, tendo-me assim privado da consolação de tornar a encontrar aquêle que eu julgava ter bem occultado.

38—Depois da morte dêste (Rei) levantou-se um rei insensato, devoto, espírito ôco.

39—Êle obrigou toda a comunidade de Jacob, todos os filhos da minha nobre nação a se converterem;

40—Numerosos foram os que a si próprios deram a morte para não se exporem a transgredir a Lei do meu Deus—Aquêle que é meu salvador.

41—Foi então que se apoderaram das delicias da minha alma e que lhe mudaram o seu glorioso nome, mesmo o do meu rochedo de origem.

42—Agora está êle já com 12 anos de idade—sem que o tenha tornado a ver: por causa do pecado que pesa sôbre mim.

43—Eu choro: sôbre a minha cabeça a raiva, contra a minha alma, os meus queixumes e as minhas lamentações.

44—Porque fui eu próprio que o fiz fugir dum perigo para uma cilada; do brazeiro eu o lancei na chama.

45—Eu espero-o—mas a minha espera é erissada de espinhos. Porque tardas tu pois, ó gazela de meus amores?

46—Para que afligir o coração daquêle que te gerou? Porque és semelhante ao que me enterrasse uma flecha nos meus rins?

47—Tu obscureces a luz sob uma nuvem, tu transformas a claridade em crepusculo.

48—A lua eclipsa-se sempre aos meus olhares, as estrêlas dormem ocultas nas trevas.

49—Nem um raio de sol luz na miséria, Nem um raio penetra pelas janelas do meu coração.

50—A rosa do meu Sarou não floresce, a chuva não refresca os meus campos.

51—Perturbas os meus pensamentos, tiras o sono aos meus olhos, e não distingo já a hora de me levantar, nem a hora de me deitar.

52—Não me deleito com as minhas refeições: na minha bôca o mel é amargo, tôda a doçura é para mim veneno.

53—Os pasteis açucarados são pedras duras, entre choros como pão sêco.

54—As lágrimas, eu as misturo com a minha água, e as bêbo, e o sangue das uvas já não entra na minha bôca.

55—Eu fico saciado de água e de deslocções a ponto de ser considerado como um dos Bené-Rechabitas.

56—Mas quando sonho com o teu regresso e o meu pensamento faz aparecer a tua imagem aos meus olhos.

57—Imagino que a minha sorte é dôce e o meu rosto cobre-se de rosada côr.

58—Depois adormeço num dôce sono e desperto contente e de bom humor:

59—Dôce me parece então a água que bebo e em comunhão contigo—o meu pão duro me parece delicioso.

60—Contudo. logo que me lembro do teu exilio, o meu coração abraza-se com um fogo cujo calor me tortura.

61—Semelhante a um homem atordoado e lasso, eu fico decaído; a minha estatura torna-se encolhida e magra.

62 Não é a tua recordação—que é a minha alegria e a minha tristeza?

Não és tu o meu balsamo, mas também o meu inimigo e o meu opressor?

63—A tua imagem está gravada no meu coração e é no meu coração que está também traçado o teu afastamento.

64—É mais do que ela me reanima, a tua imagem ausente me afflige.

65—A tua separação confunde os meus projectos; o teu exilio impede e torna tortuosos os meus caminhos.

66—É por tua causa que a minha alma foi abatida e que o meu orgulho foi humilhado;

67—A ponto que os sicomoros se levantam acima do meu cipreste e que o arbusto do hisope pafeça mais alto que os meus cedros;

68—Que o morcêgo ultrapasse o meu abutre e que a môsca vôe por cima das azas da minha água;

69—Que os meus membros enfraqueçam em plena juventude; que o anho triunfe sobre os meus liões.

70—Atiro para longe a minha musa; quebrei o meu violino, a minha lira a pendurei num salgueiro;

71—Mudei o meu cântico em canto de choros, na minha dôr a minha flauta vibra com fúnebre som.

72—A minha pomba se mudou em coruja, a minha rôla se transformou em côrvo.

73—Aborreço os palácios dos reis e aspiro a viver no deserto como um beduino.

74—Ó meu filho, o teu exilio me tortura, me aca brunha e me cerca de ciladas.

75—É êle que enfraquece o meu coração, que enraivece os meus sentidos e apodrece os meus ossos.

76—Ouço tua mãe todos os dias chorando, chamando por ti: «Meu querido, meu coração, minha seiva!

77—«Que te arrancou ao meu seio e fez do fruto das minhas entranhas uma creança abandonada?»

78—Eu sinto-me exausto de fôrças para ouvir os seus queixumes ou para dissimular o meu desgosto no meu fôro íntimo.

79—Então a deixei. Fui para junto do meu Rei para cumprir o serviço com que Deus, meu Bemfeitor, me agraciou.

80—Eu andava errante sem repouso, circulando por Edom, o povo das fogueiras.

81—Sem encontrar bálamo para as minhas feridas, sem que o Tempo,—êste inimigo que me persegue—me deixe de novo levantar.

82—Odeio os dias e as noites de suplicios—e prefiro a morte: quizesse Deus que assim fôsse.

83—A vida é uma carga para mim e os dias pesam sobre as minhas costas e sobre os meus ombros, tais como as areias do mar.

84—Que aproveitimento desta vida cheia de desgostos, à espera do fim do meu destino?

85—Para uma alma mortificada, a vida é a morte. Ora, eu já tenho tido bastante disso, e a sua custa duração vale bem uma longa.

86—Porque esperarei eu uma longa vida quando está embuscado atraz de mim um urso feroz?

87—Os filhos do Dia, os filhos da adjava cujo arco me foi destinado pelo meu Atirador do alto do céu.

88—Sou eu que lhe sirvo de alvo; é à volta do círculo do meu eixo que êles giram.

89—Deixa-me pois, que eu retome a palavra, com o meu único filho: que êle deixe de ser meu torturador!

90—Ó meu primogenito! Ajusta o teu coração e aprende: não és tu filho dos sábios cuja sabedoria eguala a dos profetas?

91—A sabedoria coube-te por herança, tu não deverás perder mais dias da tua infância; ó meu querido!

92—Agora, meu filho tu tentarás dedicar-te aos estudos: Aprenderás a ler as Escrituras e a interpretar os textos;

93—Depois—a recitar a Mishnah, a estudar o Talmud, segundo as treze regras e a conhecer os caminhos.

94—Mas, como me poderei conter, com a sua deserção, pois que é ela a causa do meu mal, da minha febre e da minha ruína—.

95—Aquela que me traspassa semelhante ao gladio dos meranarios, que fende o meu coração, não sendo uma navalha de barba.—

96—A que toca o meu coração emurchecido com a sua lâmina, que penetra até ao ventre e às entranhas.

97—A quem transmitirei pois os meus múltiplos conhecimentos, a quem darei a beber o suco do meu lagar e da minha adega?

98—Quem se deleitará a provar,—quando eu já não existir— dos frutos da minha fé e dos meus escritos?

99—Quem saberia desenbaraçar-se na ciência oculta, nas obras monumentais de meu pai e mestre?

100—Quem, tendo sêde, saberia sósinho tirar agora da nascente e nela se dessedentar durante a seca?

101—Quem pois saberia colher com doçura as flores que eu plantei, podar a minha árvore da sapiência e nela repiscar?

102—Quem poderia conduzir a bem os meus escritos continuando a tecer a trama e a cadeia dos meus tecidos?

103—Quem enfim, após a minha morte, se adornaria com os enfeitos da minha fé e montaria nas minhas muaras?

104—Ninguém fóra de ti, amigo da minha alma e meu herdeiro, tu só que és o meu fiador do que eu devo ao meu Rochêdo?

105—É por ti que o meu sêr aspira, êle enlouquece junto de ti,—é a ti que eu darei de beber a minha sêde e minha fome;

106—A ti convém a minha brilhante inteligência, o esplendor do saber e a sabedoria que me distingue;

107—Ela me vem em parte como herança de meu pai e instrutor, dele que é o pai das ciências e o meu mestre e preceptor;

108—A outra parte, eu a adquiri pelos meus próprios esforços; foi com o meu arco e a minha espada que eu fiz a sua conquista.

109—Nela atingi uma grande profundez, de tal modo que em comparação comigo os sábios de Êdom são gafanhotos.

110—Pois que freqüentava as suas escolas, sem que nenhum deles ousasse defrontar-se comigo em combate.

111—Eu triunfo sôbre o que se cala na minha presença; confundo e humilho o meu contraditor

112—Quem é que, de facto, teria a audácia de expor perante mim os fundamentos da Criação e os mistérios da Carro e de Aquêle que o dirige?

113—A minha alma sublime não é por ventura superior às almas dos da minha pobre geração?

114—Não é a minha imagem fortificada pela potência do seu Rochêdo enraizada e cerrada no fundo da minha prisão?

115—Contudo ela não cessa de aspirar a subir até ao palamar.—sendo o meu ardente desejo recalca-la nos seus degraus.

116—Meu amigo! Que tens que fazer no seio dum povo de coração impuro? Semelhante a uma macieira no meio dum pinhal bravo?

117—A tua alma ficou pura entrê os gentios;—semelhante a uma rosa no meio de espinhos e de ervas.

118—Levanta-te e caminha para atingires o lugar da minha peregrinação; fuge daí, vem, semelhando-te à gazela e a um veado.

119—Regressa à casa de teu pai—para a rocha que te deu origem; a que o meu Deus Protector te proteja!

120—É Ele, o meu Deus, que aplanará os teus caminhos, que te conduzirá da tua prisão para o livramento;

121—Ele fará repousar sôbre a tua cabeça as bençãos de teus pais, juntando-lhes também as de meu pai e avô.

122—Possa Ele iluminar as trevas do meu espírito e pela sua grande misericórdia tornar direito o meu caminho tortuoso.

123—É em Deus—meu Pastor—que confiarei o meu braço e é n'Ele—meu Pai—que ponho a minha esperança.

124—Que êle me restitua a minha jóia tão desejada, aquêle que eu chamo perante a sua face: meu querido oxalá tu me escutes!

125—Entoarei então um cântico de amor ao meu

Criador—durante tôda a minha vida eu lhe cantarei umcan(o) pleno d'amor;

126—Eu lhe apresentarei as minhas oferendas e eu lhe consagrarei os meus presentes.

127—É por isto que a minha alma fica ligada ao meu Santo (Deus)—nele está a minha sorte; nele estão os meus olhos e o meu coração.

128—Possa o meu louvor ser agradável ao meu Deus e as palavras do meu canto mais agradáveis que um novilho.

129—Que êle me faça ver a Gloria de Sion, a sua beleza em todo o seu esplendor real, onde se realizou a eleição dos Querubins.

130—E que à sua testa apareçam conjuntamente os dois luzeiros: o filho de David e o Tishbita (Elias—o profeta);

131—E que jámais inimigo algum a possa ofender, e que nenhum arabe ali acampe mais.

Notas

A nota do número de versículos é Q a L=130.

Nota Primeira

—É por causa do meu rapaz que orei a Deus, em metrica rimada.

—Que o Rochêdo o salve, o guie, o faça cavalgar sôbre uma nuvem leve.

Nota segunda

—A minha taça está perante o meu Rochêdo, o meu estandar, a minha nobreza, a minha protecção, Aquêle que livra, que é o Deus que me fez; a Ele otereço a minha taça.

—O meu rebento e o filho do meu vigôr, que Ele o faça sair, a-fim de que me seja dado vêr em liberdade a minha graça—o meu filho.

Nota terceira

—Ó meu quinhão, amigo do meu seio, gl'ória do meu ardente desejo, transforma a minha obscuridade em luz, a minha noite em dia.

A pressa-te e cavalga sôbre uma nuvem para vires ao teu pai. Sê firme e corajoso!

1.º Centenário da Fundação da Synagoga

«Sohar Hashamaïm de Ponta Delgada,

fundada em 21 de Dezembro de 1836

Em 21 de Dezembro de 1936 teve lugar na mesma com assistência de tôda a comunidade; uma oração de arbit. Fez um brilhante discurso referente à vinda dos judeus para Portugal e depois para os Açores o grande sábio Dr. Alfredo Bensande em seguida; houve ascabots pelos fundadores da Synagoga; misberoh ao Dahal-Misberah ao Ex.^{mo} Snr. Presidente da Republica Portuguesa e Ex.^{mo} Snr. Presidente do Conselho e Ex.^{m s} Snrs. Ministros; e em seguida um finíssimo chá e variadíssimos dôces, tudo Casher, terminando às 23 horas.

Joaquim Sebag

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(Continuação do n.º 76)

Titulo LXIX

El-Rei D. Duarte meu Senhor, e Padre de famosa memória em sendo Infante fez uma lei em esta forma, que se segue.

1 Porque por cartas, e Previlégios, e Forais, que por nós, e pelos Reis, que antes foram os moradores, e visinhos, de alguns lugares são escusados, e privilegiados de pagarem portagens, e passagens, e outras costumagens, e ora nos é dito, que os Judeus moradores em estes Reinos queriam gouvir dos ditos privilegios, e graças, e mercês, e forais, assim como os cristãos, onde são moradores, e visinhos: e porque segundo razão, e direito os privilegios, e foros dados aos fieis Cristãos não se devem entender aos Judeus infieis, estabelecemos, e mandamos, e pomos por Lei, que nenhum Judeu não seja escusado de pagar as ditas portagens, passagens, costumagens, posto que em algum lugar seja morador por longo tempo, não embargante, que pelos ditos Forais, Cartas, ou privilegios os Cristãos moradores em êsse lugar por bem das ditas cartas, forais, e privilegios sejam escusados das ditas portagens, passagens e costumagens.

2 A qual Lei vista por nós, havemos por boa, e mandamos, que se cumpra, e guarde, assim como em ela é contido.

Titulo LXX

El-Rei D. Duarte meu Senhor, e Padre de famosa memória em sendo infante fez uma Lei em esta forma que se segue.

1 Porque alguns até agora o duvidaram se o privilegio, e beneficio da Lei, e costume destes Reinos dados aos netos, por que possam tirar pela Avoenga os bens de raiz, que forem vendidos, se se devia de entender assim aos Judeus, como aos Cristãos; e ainda fomos informado, que assim foi julgado algumas vezes; por tirar esta dúvida, com acordo dos do Nosso Conselho estabelecemos, e pomos por Lei, e costume se não entendam em os ditos Judeus; e que eles não hajam, nem possam haver, em usar o dito privi-

legio, e beneficio da dita Lei, e costume, assim nos bens que antes se venderam, como nos que já venderam, ou venderem ao diante de alguns Cristãos; e aquêles, que já compraram, ou comprarem diante, os hajam livremente sem embargo da dita Lei, e costume.

2 Para queremos, e mandamos, que se o Judeu comprar alguns bens de raiz a Cristão, e o filho seu, ou neto cristão quizer tirar estes bens por bem da dita Lei, e costume da Avoenga, possa-o fazer, guardando as clausulas, e cautelas e solididades da dita Lei, e costume contidas.

3 E defendemos a todos Vogados, e Procuradores, que não façam Vogaria, ou alegação contra esta nossa Lei, e coisas em ela contidas; e aquêles, que o contrário fizer, não possa mais procurar em Juizo, nem fora dele, e seja privado em todo o Officio de Vogar, e procurar; e o Juiz, que tal alegação, ou Vogaria receber, ou julgar contra esta nossa Lei, mandamos que seja preso até nossa mercê para lhe nós darmos aquela pena, que por direito acharmos, que merece de haver: Onde uns, e outros as não façandes. Dantes em Santarém a desanove dias de Agosto. O Infante o mandou. João Vasques a fês Era de mil e quatrocentos e trinta e seis anos.

4 A qual Lei Vista por nós, louvamos, e confirmamos, por nos parecer justa, e mandamos que se guarde como em ela é contido.

Titulo LXXI

El-Rei D. João meu Avô de gloriosa memória em seu tempo deu Cartas seladas do seu selo pendente aos Judeus destes Reinos, em que mandou, que por quanto êles haviam, e hão de antigamente jurdissão, e seus direitos apartados, que pertencem aos Julgados dos Arrabis, e bem assim a jurdissão, e direitos, que pertencem às Almotaçarias, e Almotacés Judeus, os quais direitos, e usas das Almotaçarias, e seus Arrabis desvairam em muitas cousas dos nossos direitos, e usos; e porque sempre foi sua vontade, e dos Reis, que antes dele foram, os ditos Judeus haverem jurdissão antre si, assim crime como civil, e que em cada uma comuna haja Arrabi, e Almotace, por que sejam julgados segundo seus direitos, e usos em todos os feitos, casos, e contendas, que entre si

haja, mandou, e declarou em as ditas cartas, que nenhum Juiz, nem Almotace Cristão não tomasse conhecimento de nenhum caso de feito, que seja antre Judeu, e Judeu, e os deixem desembargar aos ditos Arrabis, e Almotaces, segundo seus usos, e direitos, assim como de antigamente sempre antre êles fora usado, e costumado.

As quais Cartas Vistas, e examinadas por nós, mandamos que se guardem por Lei, assim como aqui por nós é declarado; pero queremos, e mandamos que em todo o caso dos sobreditos, e quaisquer outros que acontecer posam por qualquer guisa, e maneira que seja, fique sempre a apelação reservada para nós, e para nossos Officiais, que por nós são deputados para conhecerem das apelações e bem assim conheçam dos agravos; os quais mandamos que tomem deles conhecimento, assim como das apelações, e agravos, que sai deante dos Juizes Cristãos, e os desembarguem pelos direitos dos judeus, segundo acharem que de antigamente semelhantes feitos se acostumaram de desembargar.

2 E isto, que dito é, mandamos que não haja lugar nos feitos das dizimas, ou portagens, e sisas, e quaisquer outros direitos Reais, porque tais feitos como êstes queremos, e mandamos que sejam desembargados por aquêles Juizes, e Desembargadores, a que por nós deles é cometido o conhecimento, segundo agora deles conhecem.

(Continua)

Tradições Cripto-Judaicas

Orações para o deitar

Deus me benza dos pés até a cabeça com a benção de Isac e Jacob. O Senhor bendito me adormeça. o Senhor me guarde esta noite e amanhã todo o dia, o Senhor todo poderoso me guarde na sua companhia.

(Pesqueira)

Senhor deitar-me quero, o meu corpo e a minha alma vos entrego, e se eu dormir, Senhor, arrolai-me; se eu moirer acompanhai-me, com os vossos anjos cercai-me. Depois de eu estar cercado, não terei medo, nem temor, senão do vosso

altíssimo nome, Senhor. Rei supremo, infinito, magestoso e supremo, minha alma te adora, assim como tu és Rei dos Reis, Senhor, me deite a sua divina benção, divina e excelente.

(Pesqueira)

Misericórdia Senhor, que êste pecador pede perdão, meu clemente meu Piedoso estende-me a vossa santa e bendita mão, ouvireis minha oração, dêste grande pecador; não me deixeis castigar, livrai-me como nos livras-te de Datão e Abirão. Oh! meu Deus, oh! meu Senhor tende-me da vossa Santa e bendita mão.

(Pesqueira)

Ao Anjo S. Rafael

Anjo Bendito, que assistis ao meu Senhor, sêde meu advogado, fazei-me êste grande favor para pedir e rogar peço-te, oh! anjo bendito, que seja meu intercessor, com que te hei-de obrigar com os nomes santos do Senhor. Os nomes santos do Senhor são sagrados, trago-os no meu pensamento e memória, para os nomes santos do Senhor louvar. Peço-te oh! anjo bendito que cfereças por mim ao Senhor esta reza limitada, sendo por mim cferecida, sem ser por vós amparada, não terá valimento, será um corpo sem alma; peço-te ó anjo bendito, que me guies e me acompanhes nos santos caminhos do Senhor, assim como acompanhas-te o filho do santo Tobia, e êle como justo e santo quizeste acompanhar, a mim como pecador vós me querais amparar. Eu confesso que o sou e não há outro igual e eu com alma e vida ao Senhor quero louvar para que no fim da minha vida a glória me queira dar.

(Pesqueira)

A benção do Senhor alcancei com o braço do Senhor, quem me fizer bem lho faça o Senhor; cães e lobos, dentes fechados, todos os meus inimigos sejam arredados, aquêles que mal me poder fazer, o céu subirá e a terra abaixará, com as armas do Senhor ande eu sempre armado, não seja prêso, nem morto, nem as mãos dos meus inimigos postas, agora quero pedir ao Altíssimo Senhor que me queira acompanhar, em casa e fora de casa, para onde quer que eu fôr e andar.

(Pesqueira)